



O negacionismo científico como prisão teológica da colonialidade e propostas libertadoras na relação entre ciência e fé

Science denial as acoloniality theological prison and freeing propositions in science and faith

*Daniel Ruy Pereira**

SPS

Recebido em: 13/09/2023. Aceito em: 17/10/2023.

Resumo: Neste ensaio teórico argumentamos que o negacionismo científico, visto antes da e durante a pandemia de Covid-19, pode ser compreendido como uma prisão teológica colonial, que destrói outros conhecimentos e visões de mundo, especialmente em certos grupos evangélicos. Iniciamos com perguntas acerca da natureza das ciências naturais em nosso mundo e época, para depois traçar uma breve história do negacionismo científico em relação à importação de modelos teológicos desconectados das realidades brasileiras, especialmente dentro do contexto de denominações neopentecostais aprendendo e reproduzindo o discurso do criacionismo de terra jovem, vindo dos Estados Unidos. Buscamos, então, convergir os conceitos de colonialidade, de Catherine Walsh et al; ecologia dos saberes, de Souza, Menezes e Nunes; além dos modos de relação entre ciência e fé explorados por Ian Barbour, como o conflito, a independência, o diálogo e a integração, utilizando ideais oriundas do trabalho de Cootsona (2018) para oferecer uma perspectiva teórica de abordagem decolonial possível em sala de aula no ensino de ciências naturais, com o fim de mitigar conflitos com e entre os alunos, considerados em suas individualidades e contextos culturais e religiosos, bem como oferecer aos professores algumas possibilidades de diálogo e integração com o currículo de ciências da natureza no Brasil.

Palavras-chave: Negacionismo científico; colonialidade; ciência e fé.

* Mestre em Ensino, História e Filosofia das Ciências e Matemática (Universidade Federal do ABC, 2022).

E-mail: ruy.pereira@ufabc.edu.br.





Abstract: *In this essay, we argue that the science denial seen before and during the Covid-19 pandemic can be understood as a theological colonial prison, which destroys other forms of knowledge and worldviews, especially inside certain evangelical groups. We start asking questions concerning the nature of natural sciences in our world and age, so When can track a brief history of Science denial in relation to the import of theological models which are disconnected to Brazilian realities, especially within the context of neopentecostal denominations learning and reproducing Young-Earth Creationism discourse, which came from the United States. Then, we seek to converge the concepts of coloniality, from Catherine Walsh et al, the wisdoms ecology, by Souza, Menezes e Nunes, as well as the possible relationships between science and faith, as explored by Ian Barbour, such as conflict, independence, dialogue and integration, using ideas from Cootsona's work (2018) to offer a theoretical perspective of possible decolonial approach in the teaching of the natural sciences, aiming to mitigate conflicts between students themselves and with the teacher, considering students within their individualities and cultural and religious backgrounds, as well as offering teachers some dialogue and integration possibilities with the curriculum for natural sciences in Brazil.*

Keywords: *Science denial; coloniality; science and faith.*

Introdução

A ciência é uma atividade humana extremamente bem-sucedida em produzir melhorias de vida em várias de suas subáreas, tais como na medicina; na indústria farmacêutica e na exploração aeroespacial, para citar alguns exemplos. Menon (1992) liga o progresso científico-tecnológico a melhorias diretas na qualidade da vida humana, como na produção de alimentos e a saúde preventiva (MENON, 1992). No Brasil, a percepção de ciência como saber válido (e prático) cresce com o tempo (SIEBERT; DALTOÉ, 2021). Com menos frequência, porém, menciona-se o preço altíssimo de tratamentos médicos disponíveis apenas para elites; a priorização na produção de remédios com alta capacidade de comercialização e a melhoria na eficiência de foguetes com fins militares, não apenas na forma de espaçonaves, mas também mísseis.

Dessas observações podem aparecer algumas perguntas. Por exemplo, a exploração espacial é interessante, frutífera e essencial, mas seria prioridade orçamentária para *todos* os países, especialmente quando o desenvolvimento de recursos renováveis e alternativas a combustíveis fósseis, também relevante para a indústria aeroespacial, é urgente?

Em um caso análogo, a pandemia de Covid-19 também produziu discussões semelhantes: se a indústria farmacêutica global foi capaz



de desenvolver diversas vacinas eficazes contra um tipo de coronavírus em um ano, por que até então o desenvolvimento de vacinas para outras doenças não tão relevantes para países desenvolvidos (ou, como apresentaremos adiante, do norte sociológico) levou tanto tempo? Por exemplo, uma vacina eficaz contra malária foi aprovada para uso na África subsaariana em 2021, após 34 anos em desenvolvimento (DIAS, 2021). Por que tanto tempo? Para Luiz Carlos Dias, “é uma doença que afeta populações vulneráveis em países de baixa renda, não há tanto investimento nem interesse por parte de grandes farmacêuticas.” (DIAS, 2021). Continuará a ser assim?

Dos exemplos acima, fica claro que a ciência não é desconectada do mundo e de outros conhecimentos. Ao contrário, faz parte de um corpo de conhecimentos em harmonia ou desarmonia, dependendo de quando e onde se fala. Quando em harmonia, faz parte de uma “ecologia dos saberes” (SANTOS; MENEZES; NUNES, 2006), onde se garante oportunidades iguais a conhecimentos e epistemologias diferentes, dialogicamente, em busca de democracia mais robusta, igualitária e harmônica entre seus indivíduos e a natureza (SANTOS; MENEZES; NUNES, 2006)

Sul e Norte

Para Santos, Menezes e Nunes (2006) é na diversidade de epistemologias em interação que está a esperança de equilíbrio democrático entre as pessoas e o meio-ambiente. Quando essa ecologia é desarmônica, porém, vê-se um processo de “caos” epistemológico que, como o caos climático, beneficia uns ao destruir outros. Ainda na sua ótica não existiria, neste caso, “a busca do bem e da felicidade ou a continuidade entre sujeito e objeto” (SANTOS; MENEZES; NUNES, 2006, p. 12). A ciência, dessa forma, tornar-se-ia a Definidora do que é conhecimento válido; promoveria epistemicídio; poderia prestar serviço, inclusive, a uma “religião superior”. Em nome dessa ciência conhecimentos alternativos seriam desmantelados e grupos sociais, que neles se apoiavam, humilhados; seu modo de vida e autonomia seriam subvertidos. Em nome da ciência.

Por isso é importante fazer uma delimitação conceitual do mundo entre Sul e Norte sociológicos. O Norte é composto por aqueles países com “ideologia legitimadora da subordinação dos países da periferia e da semiperiferia do sistema mundial” (SANTOS; MENEZES; NUNES, 2006, p. 13). O Brasil, um dos alvos dessa subordinação, é, por sua vez,



parte do Sul, sofrendo ainda com esses processos da colonialidade, especialmente, como apresentaremos neste ensaio, em relação à forma como a ciência é percebida por certos grupos, à semelhança dos negacionistas da ciência, os quais, conforme argumentaremos, vivem inadvertidamente em uma prisão teológica oriunda desses processos de colonialidade, fomentando-a em ignorância feliz.

Durante e depois da pandemia de Covid-19, ficou evidente a posição central do negacionismo científico, reforçado por grupos como segmentos de determinados grupos evangélicos no Brasil (VERAS, 2020). Para certas pessoas, há percepção de um conflito entre ciência e fé ou religião, a qual as põe na difícil posição de sustentar aspectos da ciência ou abandonar sua fé, uma posição que Straine (2014), Garros (2017) e Cootsona (2018) identificam com o conceito de conflito proposto por Barbour (2000); Zaleha e Szasz (2015) exemplificam a tese oferecendo o estudo sobre um grupo majoritário de cristãos evangélicos estadunidenses, no contexto, conflituoso, da negação do aquecimento global.

Como o negacionismo chegou ao Sul?

A ideia de conflito já ficara evidente em 2004, quando a governadora do Rio de Janeiro, Rosinha Garotinho, aprovou uma lei permitindo a professores ensinarem o criacionismo nas aulas de religião, criacionismo este aquele da terra jovem (Young Earth Creationism, ou YEC), desenvolvido mais formalmente desde os anos 1960 por Henry Morris e outros (GARROS, 2017); importado dos Estados Unidos e promulgado por pregadores populares, como o Pastor Silas Malafaia¹ (DORVILLÉ; SELLES, 2016).

Como, porém, essas teologias, liturgias, etc. acabam chegando ao Brasil? Carvalho e Guimarães (2020) também argumentam que chegam do exterior, onde muitos evangelistas missionários fazem seus cursos de formação. Ansiosos por transplantarem teologias e liturgias para o Brasil (ZABATIERO, 2000), o fazem, em geral, sem muita consideração pelo contexto brasileiro. Nessa importação de uma visão teológica que não apenas combate, mas se apropria de conceitos científicos e os distorce, vê-se mais um exemplo do que poderia ser considerado, segundo Zabatiero (2020), uma prisão teológica “dentro dos limites da colonialidade”. Para

¹ Em seu canal de Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=q9e4eNg8Ftc&t=68s>, por exemplo.



Carvalho e Guimarães (2020), isso não ficou no passado, mas continua acontecendo:

[...] teólogos brasileiros, por décadas, continuaram reproduzindo o modelo colonizador, no objetivo óbvio de inserir nessas terras o modelo do grupo cristão de prestígio, a igreja com a arquitetura, a música, os móveis, as roupas, o comportamento do dominador (europeus e norte-americanos, nessa ordem de domínio).²

As mesmas autoras também lembram que o protestante latino-americano enxerga a sociedade norte-americana como “modelo de consumo” (2020, p. 4) e que certas igrejas “ao não poderem responder à injustiça do presente, apegam-se à promessa do paraíso perfeito, o futuro *celestial*”, (CARVALHO; GUIMARÃES, 2020, p. 9, grifo nosso) e com isso enxergam nos esforços científicos um desperdício de energia e recursos, insignificantes no drama cósmico em que vivemos (ZALEHA; SZASZ, 2015).

Por isso, perguntamos: seria o negacionismo científico brasileiro entre evangélicos mais uma “reprodução” inadvertida do utópico modelo social norte-americano e, portanto, uma auto subordinação à colonialidade, uma “mimetização” – como colocam Santos, Menezes e Nunes (2006) – rumo à “memetização” e compartilhamento de frases e pesquisas descontextualizadas no ambiente descontrolado da Internet?

E quanto ao contexto educacional brasileiro? Como o professor de ciências poderia auxiliar os alunos brasileiros oriundos desse cenário social, colonial sem querer nem saber, a pensarem em ciência em termos não-negacionistas e não-coloniais, com o respeito devido à cultura e tradição em que cresceram, ao invés de reproduzir discursos e percepções norte-atlânticos, e promover uma mudança conceitual mais humana, tolerante e contextualizada à realidade brasileira?

Talvez essa possibilidade dialógica possa ser encontrada no trabalho de Ian Barbour (1923-2013), professor de cadeira do Departamento de Religião e Professor de Física do Carleton College, em Minnesota. Além da formação teológica, Barbour detinha um doutorado em Física pela University of Chicago e um bacharelado em Teologia em Yale (LANSING, 1967). Para ele, ciência e religião não são ortodoxias em competição, mas

² CARVALHO, S. S.; GUIMARÃES, M. A. Inadequados: um movimento de decolonização, o evangelho para a sociedade brasileira. *Reflexão*, v. 45, e204929, 2020, p. 20.



“atividades distintas da mente ou espírito humano em sua busca por consciência, compreensão e iluminação” (YARNOLD, 1968). No ano 2000, em seu livro *When Science Meets Religion*, Barbour desenvolve um método que, na opinião de Greg Cootsona (2018) é simples, duradouro e fácil de compreender, embora imperfeito e em necessidade de refinamento – asserção com o que concorda Alexander (2007). Para Barbour, há quatro modos de relação entre ciência e religião: o conflito, a independência, o diálogo e a integração. Pensamos que esses quatro modos são um excelente “início de conversa”, tanto para a sala de aula como para as igrejas.

Neste trabalho, portanto, propomos o uso do conceito de decolonialidade aliado aos modos de relação entre ciência e fé propostos por Barbour (2000) a fim de argumentar que, se por um lado, o negacionismo científico visto no Brasil durante a pandemia pode ser visto como mais uma prática colonial, por outro, tal conscientização pode-se refletir também em possibilidades de mitigação de conflito em salas de aula, por professores de ciências e, adaptando-se o modelo de Cootsona (2018) para o contexto brasileiro, em igrejas evangélicas.

Por isso é necessário definir, brevemente, o que queremos dizer com o conceito de colonialidade e sua solução, a decolonialidade, no contexto do negacionismo científico.

1 Colonialidade no contexto do negacionismo

Colonialidade é a condição de uma vasta população do planeta. Para Walsh, Oliveira e Candau (2018) essas populações são classificadas e reclassificadas como colônias quanto à forma de trabalho, o conhecimento produzido (ou consumido), a autoridade presente e relações intersubjetivas (WALSH; OLIVEIRA; CANDAU, 2018). Isto é, embora os movimentos de independência das colônias tenham tornado países independentes, isso não quer dizer que as relações de exploração, desumanização e inferiorização terminaram, mas que tomaram novas formas; tampouco quer dizer que os colonizadores são os mesmos: a relação mudou para outras formas de dominação, como a cultural e, para Santos, Menezes e Nunes (2006), para a determinação de prioridades científicas bem como o seu uso como ferramenta perpetuadora desse *status quo*.

Os mesmos autores ainda argumentam que a ciência de outrora prestou serviço ao poder imperial, e foi com desenvolvimentos científicos como a caravela, o sextante, a luneta, a pólvora e as armas de fogo que povos foram desarmados, subjugados e conquistados.



Porém, não apenas a ciência carrega essa culpa, mas também, em muitos casos, a religião. No caso do Brasil, foi uma forma de cristianismo, servindo aos interesses imperiais na dominação do território. Raschetti (2022), por exemplo, relaciona conversões de nativos à obtenção de mão de obra necessária à procura por ouro, dentro do movimento missionário católico para a América do Sul – muito embora aponte para vozes opostas, como a de Montesinos e Las Casas, no século XV. Mas não falamos apenas dos tempos iniciais do país. Séculos depois da invasão inicial do Brasil, com o trabalho missionário dos séculos XIX e XX, desta vez por protestantes (ZABATIERO, 2020), outra forma de cristianismo produziu outros resultados, conquanto, em geral, não muito melhores. Segundo Zabatiero (2020), a prática missionária e teológica das igrejas evangélicas, longe de se tornarem autóctones, reproduziram as mesmas práticas das matrizes do Norte (CARVALHO; GUIMARÃES, 2020).

Tomemos um exemplo. Pode-se fazer um interessante paralelo entre o que leva evangélicos estadunidenses a negar o aquecimento global. Ao fazerem isso, Zaleh e Szasz (2015) focam sua atenção nos discursos de cristãos americanos conservadores, especialmente da ala evangélica (conquanto reconheçam devidamente as diferenças dentro do grupo³) e apontam que o negacionismo deste grupo, em relação ao aquecimento global, passa por três temas.

1. O divórcio percebido pelo grupo entre a fé cristã e a natureza (ou “criação” em sua terminologia).
2. Uma visão de “mordomia” (*stewardship*) que mudou de uma “responsabilidade [pelos recursos naturais e pelo planeta]” (no início dos anos 70) para a atual posição de negação e resistência a iniciativas como o Protocolo de Kyoto.
3. As expectativas apocalípticas que invalidam quaisquer esforços ambientais, pois o planeta vai “incendiar” e os fiéis serão recebidos “no céu”.

É importante notar, como fazem Zaleh e Szasz (2015), que essa posição não é representativa de todos os cristãos dessa tradição, embora sejam posições expressivas. De modo semelhante, ao analisar a realidade

³ “Precisa-se olhar para além das etiquetas denominacionais e pensar, ao invés disso, em três categorias diferentes de cristãos: uma teologicamente conservadora, uma segunda um tanto liberal, e entre elas uma grande faixa de moderados amorfos e mal definidos [...]. Todos os três tipos estão presentes em cada denominação, mas em graus diferentes” (ZALEH; SZASZ, 2015, p. 21).



brasileira do negacionismo dentro do bolsolavismo, Veras (2020) percebe a ocorrência desse negacionismo climático, entre outros negacionismos, incluindo aquele visto na pandemia de Covid-19. Para ele, um grupo que potencializa essas opiniões extremas é o neopentecostal.

O mesmo grupo, de acordo com Dorvillé e Teixeira (2015), rejeita dúvidas acerca do que enxergam como literalidade do texto bíblico, e também “resiste firmemente à Ciência quando ela entra em conflito com a interpretação considerada literal dos textos sagrados, especialmente a teoria da evolução” (DORVILLÉ; TEIXEIRA, 2015, p. 4.). Esse tipo de interpretação é característico dos EUA e sua argumentação foi importada por grupos brasileiros (DORVILLÉ; TEIXEIRA, 2015, 2016; SCOTT, 2006), como o citado acima.

No entanto, há muitas formas de entender o texto bíblico e não negar a ciência. Interpretações oriundas de cenários judaicos (uma visão historicamente destruída dentro de muitas denominações cristãs), como aquela ofertada por Steinberg (2010); interpretações histórico-literário-cultural-mitológicas como a de Walton (2010) ou evolucionistas teístas, como a de Alexander (2014) e Keller (2012) – ele mesmo pastor evangélico, na Redeemer Presbyterian Church, em New York. Ainda existem outras possibilidades, como uma interpretação feminista de Gênesis 3 de Rati e Petersen (2020). Tais abordagens, dentro da perspectiva de Barbour (2000), podem manter ciência e religião independentes, levá-las ao diálogo ou mesmo promover integração entre ambas as áreas. Por exemplo, a escocesa Rev. Gillain Straine, física e ministra anglicana, oferece vários exemplos em seu livro introdutório sobre ciências e fé (STRAINE, 2014). Já o brasileiro Thiago Garros (2017) não vê motivo para o conflito entre ciência e religião, lembrando que conceitos como “criação divina” e “evolução” ocupam diferentes níveis de debate, oferecendo respostas a perguntas distintas.

2 Uma possibilidade decolonial contra o negacionismo científico no Brasil

A contrapartida da colonialidade no negacionismo científico é pensar no mesmo problema em termos decoloniais, isto é, pensar em como poderíamos resgatar os conhecimentos negados e deslegitimizados, como (em nosso foco neste ensaio) essas outras interpretações teológicas que acomodem a ciência, ao invés de negá-la, com dignidade e respeito



(RASCHIETTI, 2022). Pode-se também inverter perspectivas, procurando enxergar esses conhecimentos do ponto de vista de seus detentores e não de seus silenciadores (GIRALDO; FERNANDES, 2019).

Nos EUA, Cootsona (COOTSONA, 2018) usou o quadro teórico de Barbour em sua pesquisa qualitativa envolvendo a visão de adultos emergentes cursando universidades confessionais no Vale do Silício, em seu trabalho, publicado como o livro *Mere Science and Christian Faith* (2018). Para ele, embora percebam o conflito apreçoado na cultura, os adultos emergentes preferem evitar este modelo e favor da colaboração ou independência. Sua discussão está sumarizada no Quadro 1.

Quadro 1. Modos de relação entre ciência e fê entre adultos emergentes (18 a 30 anos), resumido de Cootsona (2018).				
	Definição	Representantes	Exemplo (como em Straine, 2014)	Opinião dos adultos emergentes
Conflito	Religião e ciência nunca estarão em acordo.	Richard Dawkins e Daniel Dennet; Ken Ham e Silas Malafaia etc.	Evolução e cristianismo são incompatíveis.	Maioria está interessada em uma alternativa a este modo de relação. Contudo, é preferida por estudantes em geral inflexivelmente opostos à crenças religiosas.
Independência	Religião e ciência são modos completamente diferentes de ver o mundo e devem permanecer separados.	Stephen Jay Gould (biólogo) e Karl Barth (teólogo)	O conceito de Magistérios Não-Interferentes (Gould). A evolução explica tudo; a religião dá sentidos e significados mais profundos ao mundo que Deus criou – a religião sendo sub-produto da evolução biológica.	Estudantes geralmente preferem este modo quando não têm certeza do que acreditar. Aparentemente preferem a tolerância.
Diálogo	Discussão respeitosa de contribuições de ambas as disciplinas, com menos separação entre elas.	Francis Collins e Robert J. Russell	A evolução fala do lugar ocupado pelos seres humanos, e pode-se teologizar esse lugar.	Bem-representada em adultos emergentes, preferido pela maioria dos sujeitos da pesquisa.
Integração	Ciência e religião produzem mudanças positivas em ambas as disciplinas.	Ian Barbour e Greg Cootsona; Asa Gray	O problema do sofrimento animal gerado pela evolução encontra sua solução no sofrimento de Cristo pela redenção de seres humanos e da criação.	Bem-representada em adultos emergentes, preferido pela maioria.



Todavia, as posições não-conflituosas são distintas – e minoritárias – daquelas ofertadas pelos grupos criacionistas em muitas igrejas evangélicas; são desrespeitadas, desqualificadas (DORVILLÉ; SELLES, 2016) e silenciadas dentro de inúmeras igrejas – mais um possível aspecto da natureza colonial do negacionismo.

Lembramos que Cootsona (2018), por outro lado, mostra a preferência dos jovens adultos (dos 18 a 30 anos) por modos de diálogo e integração, e até mesmo uma expectativa desse tipo de abordagem. No Brasil, o trabalho de Teixeira e Andrade (2012), chega a uma conclusão semelhante ao entrevistar dez professores cristãos de Biologia (professando diferentes denominações). A conclusão a que os autores chegam é análoga aos achados de Cootsona (2018), “se queremos superar os conflitos e construir uma sociedade mais plural e tolerante, o diálogo é fundamental. E a escola não pode ficar de fora desse desafio” (TEIXEIRA; ANDRADE, 2012, p. 8).

Finalmente, o trabalho de Cootsona (2018, p. 52-53) ainda oferece um modelo de tratamento do assunto para adultos emergentes no contexto eclesial que pode ser interessante no contexto escolar – conquanto precise ser adaptado à realidade brasileira e testado em futuras pesquisas, uma vez que sua importação acrítica poderia incorrer no mesmo problema de ser colonial ao invés de decolonial.

1. Ao invés de ensinar a controvérsia, pode-se ensinar a colaboração, uma vez que os jovens americanos a preferem.
2. É preciso engajar a Internet, uma vez que ela inflama o conflito da narrativa, especialmente ensinando os alunos a obterem informações de fontes confiáveis, ensinando-os a identificar os chamados *clickbaits* – potencializados por algoritmos de busca.
3. Produzir materiais que mostrem a compatibilidade entre a ciência divulgada popularmente e a fé cristã, no contexto brasileiro, especificamente, ou Sul sociológico, em termos mais gerais. Recentemente, a Associação Brasileira de Cristãos na Ciência (ABC²) tem feito esse trabalho no Brasil.

Como exemplo possível, este método poderia ser usado pelo professor durante uma sequência didática abordando a construção da teoria da evolução e os paralelos que podem ser traçados entre o sofrimento animal e humano, experimentado por Darwin e sua filha Anne na história da paixão de Cristo (relação de diálogo); uma atividade de pesquisa poderia



utilizar excertos do livro “A Linguagem de Deus” de Francis Collins (COLLINS, 2007). Pode-se perguntar aos alunos por que os astronautas da Apollo 8 escolheram Gênesis 1 para sua primeira transmissão quando emergiram do lado escuro da lua, no Natal de 1968 (KLUGER, 2018), o que pode ter *colaborado* com a aceitação das missões subsequentes de exploração espacial na década de 1970 pelo público geral que pagava, com seus impostos, por essas missões. Ou como, no contexto brasileiro, é importante incorporar as discussões da ecologia cristã, especialmente do cuidado com a criação na solução de problemas ecológicos locais e globais, como o desmatamento da Amazônia, a poluição urbana e o cuidado com as pessoas vitimizadas pelo caos climático (BAUCKHAM, 2009). O uso de fontes confiáveis como essas alinha-se à terceira sugestão de Cootsona (2018) e permite aos alunos uma interação mais responsável e menos influenciada por algoritmos – mas lembramos que é também fundamental a inserção de autores nacionais para a contextualização decolonial das discussões

Conclusão

Neste trabalho, analisamos o negacionismo científico como sendo uma importação de ideias coloniais que se apoderou de conceitos científicos para promover um estilo de interpretação bíblica e visão de mundo norte-americana. Não é à toa que Eugenie C. Scott intitulou seu artigo “Creationism and evolution: it’s the American way” (SCOTT, 2006) – em sua argumentação, ele relaciona a história, política e religiosidade americanas na promoção da agenda criacionista. A importação desses argumentos dentro das heterogêneas realidades eclesiásticas brasileiras, à qual muitos alunos experimentam semanalmente, e o aumento do discurso belicoso do “eles” (VERAS, 2020) apresentam o negacionismo como outra forma de apoiar uma agenda de grupos dominantes do norte sociológico – inclusive adotando as mesmas práticas de redação legislativa e “*lobbying*”. Como exemplo, Carvalho e Guimarães (2020) deixam claro que missionários brasileiros, quando treinados no exterior, podem trazer para o país práticas descontextualizadas.

Scott (2006) também afirma que outros países não adotaram a mesma prática estadunidense. Para Dorvillé e Selles (2016) a própria igreja católica e muitas denominações protestantes (além de interpretações judaicas como a de Steinberg (2010)) não veem problemas na defesa de uma interpretação bíblica destituída de negacionismo. A



Igreja Anglicana tem em Alister McGrath, David Wilkinson e John Polkinghorne, entre outros, representantes de visões não-conflituosas. Até mesmo professores de biologia que professam a fé cristã preferem um modo de relação de integração, como visto no trabalho de Teixeira e Andrade (2012). No entanto, como as igrejas neopentecostais brasileiras importaram “práticas e teologias norte-atlânticas” (ZABATIERO, 2020) que silenciam, desrespeitam e desqualificam interpretações diferentes, o negacionismo subsequente ficou sendo aquele visto no Brasil, o qual preparou a população para negar princípios científicos durante a pandemia (VERAS, 2020), levando a tantas mortes e protestos contra máscaras e vacinas.

Ao conscientizar-se dessas relações, o professor pode ganhar uma nova ótica sobre o problema e, presumivelmente, sobre certas linhas de argumentação apresentadas por seus alunos, oriundos de cenários de extrema-direita, especialmente se forem também neopentecostais, e assim oferecer alternativas que simultaneamente respeitem a cultura e tradição religiosa dos alunos, oferecendo simultaneamente alternativas de diálogo, integração ou mesmo independência entre a ciência e a fé, preferindo como Cootsona (2018) a busca pela integração sempre que possível – mas não o conflito, um conceito possivelmente colonial que, nas palavras de Zabatiéro (2020), cria uma “prisão teológica dentro dos limites da colonialidade”, desarmonizando a ecologia dos saberes dialéticos, integrais ou independentes.

Dificuldades que se apresentam são a necessidade de se testar esse método em sala de aula, a fim de verificar sua compatibilidade com diversas realidades brasileiras, bem como preparar professores, seja em cursos de licenciatura, ou em cursos de extensão, a fim de engajá-los nessa discussão e fornecer-lhes materiais e conhecimento necessário para abordarem conceitos nativos às suas salas de aula, buscando a harmonia entre diferentes conhecimentos que Santos, Menezes e Nunes (2006) sugerem em sua ecologia dos saberes.

Referências

ALEXANDER, Denis R. Modelos para relacionar ciência e religião. *Faraday Papers*. Abril de 2007. Disponível em: https://www.faraday.cam.ac.uk/wp-content/uploads/resources/Faraday%20Papers/Faraday%20Paper%203%20Alexander_PORT.pdf.



ALEXANDER, Denis R. *Creation or Evolution: do we have to choose?* 2nd edition, revised and updated. Oxford: Monarch, 2014.

BARBOUR, Ian. G. *Quando a ciência encontra a religião: inimigas, estranhas ou parceiras*. São Paulo: Ed. Cultrix, 2000.

BAUCKHAM, Richard. *Bible and ecology: rediscovering the community of creation*. Londres: Darton Longman and Todd, 2009.

CARVALHO, S. S.; GUIMARÃES, M. A. Inadequados: um movimento de decolonização, o evangelho para a sociedade brasileira. *Reflexão*, v. 45, e204929, 2020. <https://doi.org/10.24220/2447-6803v45e2020a4929>.

COLLINS, Francis. *The language of God: a scientist presents evidence for belief*. FreePress, 2007.

COOTSONA, Greg. *Mere Science and Christian Faith: bridging the divide with emerging adults*. Downers Grove, IL: IVP Books, 2018.

DIAS, Luiz Carlos. A contribuição brasileira para a vacina da malária. *Jornal da Unicamp*, edição web. 8 out. 2021. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/luiz-carlos-dias/contribuicao-brasileira-para-vacina-da-malaria>. Acesso em: 13 set. 2023.

DORVILLÉ, Luís Fernando Marques; TEIXEIRA, Pedro. O crescimento do criacionismo no Brasil: principais influências e avanços recentes. *X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XENPEC*, Águas de Lindóia, SP – 24 a 27 de novembro de 2015.

DORVILLÉ, Luís Fernando Marques; SELLES, Sandra Lúcia Escovedo. Criacionismo: transformações históricas e implicações para o ensino de ciências e biologia. *Cadernos de Pesquisa*, v. 46, n.160, p. 442-465, abr./jun. 2016. <https://doi.org/10.1590/198053143581>

GARROS, Tiago Valentim. Ciência e Religião em Perspectiva: inimigas mortais ou amizade a ser (re)descoberta? *Cristãos na Ciência*, website, 2017. Disponível em: <https://www.cristaosnaciencia.org.br/ciencia-e-religiao-em-perspectiva-parte-1/>. Acesso em: 13 ago. 2023.

GIRALDO, Victor; FERNANDES, Filipe Santos. Caravelas à vista: giros decoloniais e caminhos de resistência na formação de professoras e professores que ensinam matemática. *Perspectivas da Educação Matemática – INMA / UFMS*, v. 12, n. 30, 2019.



KELLER, Timothy. Creation, evolution and Christian laypeople. *The BioLogos Foundation*, 2012. Disponível em: Keller_white_paper-compressed.pdf (biologos.org).

KLUGER, Jeffrey. *Apollo 8: the thrilling story of the first mission to the Moon*. Picador, 2018.

LANSING, J. W. Review: Issues in Science and Religion, by Ian G. Barbour. 470 pp. Englewood Cliffs, N. J., Prentice-Hall, Inc., 1966. *Theology Today*. 1967; 24(1):89-91. doi:10.1177/004057366702400113.

MENON, M. G. K. O papel da ciência no desenvolvimento sustentável. *Estudos avançados* 6(15), agosto 1992. <https://doi.org/10.1590/S0103-40141992000200010>.

RASCHIETTI, Stefano. Missão e decolonialidade. Apontamentos para um paradigma missionário latino-americano em perspectiva decolonial. *Perspect. Teol.*, Belo Horizonte, v. 54, n. 2, p. 513-537, maio/ago. 2022.

RATI, Bianca; PETERSEN, Luciana. Para poder consertar, viramos de ponta-cabeça. In: *Nem caladas, nem cobertas: novas perspectivas sobre textos antigos*. Projeto Redomas, Independente: Brasil, 2020.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENEZES, Maria Paula; NUNES, João Arriscado. Conhecimento e transformação social: por uma ecologia de saberes. *Hiléia: Revista de Direito Ambiental da Amazônia*, ano 4, n. 6, 2006. p. 11-35.

SCOTT, Eugenie C. Creationism and evolution: it's the American way. *Cell*, n. 124, p. 449-451, 2006.

SIEBERT, Silvânia; DALTOÉ, Andréia da Silva. A ciência resiste. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 21, n. 2, p. 179-184, maio/ago. 2021.

STEINBERG, A. The theory of evolution – a Jewish perspective. *Rambam Maimonides Med J*. 2010;1(1):e0008. Published 2010 Jul 2. doi:10.5041/RMMJ.10008.

STRAINE, Gillian K. *Introducing Science and Religion: a path through polemic*. Society for Promoting Christian Knowledge: Londres, 2014.

TEIXEIRA, Pedro; ANDRADE, Marcelo. Professores de biologia que professam uma fé religiosa ensinam criacionismo? *IVENE BIO e II ERE-BIO da Regional 4*, Goiânia, 18 a 21 de setembro de 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/332403565_PROFES-



SORES_DE_BIOLOGIA_QUE_PROFESSAM_UMA_FE_RELIGIOSA_ENSINAM_CRIACIONISMO.

VERAS, Thor João de Souza. Negacionismo viral e política exterminista: notas sobre o caso brasileiro da COVID-19. *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, Santa Maria, v. 11, p. e45, 2020.

WALSH, Catherine; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria. Colonialidade e Pedagogia Decolonial: Para Pensar uma Educação Outra. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*. v. 26, n. 83, p. 1-16, 2018.

WALTON, John W. *The lost world of Genesis 1: ancient cosmology and the origins debate*. InterVarsity Press: Downers Grove, 2010.

YARNOLD, G. D. Review of Issues in Science and Religion, by I. G. Barbour. *The Journal of Religion*, 48(2), 181-189. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1201582>.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares Mantovani. Contextualização e Decolonialidade: repensando a epistemologia teológica. *Revista Reflexão*, vol. 45, e204900, 2020. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. DOI: 10.24220/2447-6803v45e2020a4900.

ZALEHA, Bernard Daley; SZASZ, Andrew. Why conservative Christians don't believe in climate change. *Bulletin of Atomic Scientists*, vol. 71(5) 19-30, 2015.